



# Dois Dedos de PROSA

Nº99 - Recife/PE - Julho/2021



Foto: Ana Mendes / Acervo Centro Sabiá

## DESMATAMENTO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS AFETAM COTIDIANO

Racismo ambiental, destruição dos ecossistemas naturais, desmatamento, mudanças climáticas. Como se não bastasse a pandemia de Covid-19, que já dura mais de um ano, são muitas as outras formas de morte que enfrentamos diariamente no campo e na cidade. No entanto, é possível enfrentar e, mais que isso, cuidar para o bem-viver: é o que nos ensinam as famílias agricultoras organizadas e em movimento.

Saiba mais nas páginas 4 e 5

RAC e SAF diminuem efeitos das mudanças climáticas

**Página 3**

Saiba como os agrotóxicos impactam o meio ambiente

**Página 6**

Você sabe o que é Racismo Ambiental?

**Página 7**

# Uma prosa sobre as mudanças climáticas

**E**sta edição do **Dois Dedos de Prosa** aborda as mudanças climáticas e os impactos na vida de todos/as. Na **Prosa de Interesse**, convidamos o coordenador de Comunicação e Mobilização de Recursos da ONG CAATINGA, Giovane Xenofonte, para tratar o tema. Estamos **De Olho** em como a falta de políticas públicas contribuem para agravar a situação ambiental no País. O governo está na contramão para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e os impactos vinculados. Ao contrário, ações da sociedade civil estimulam e desenvolvem, junto a agricultoras/es, tecnologias para a preservação da fauna, da flora, da água e dos solos, como Sistema Agroflorestal (SAF) e Reúso de Águas Cinza (RAC), tecnologias dignas de uma **Boa Prosa**.

**Por Todo Canto**, o uso dos agrotóxicos potencializam danos ambientais, agravados no governo que mais liberou o seu uso. Isso impacta na vida das pessoas mais pobres e, conseqüentemente, na população negra. Nesse sentido, **Da Comunidade** reflete sobre o racismo ambiental nas grandes cidades. A resistência vem da **Juventude em Prosa**, que nos conta como é possível produzir alimentos saudáveis e sustentáveis.

Boa leitura!

## POLÍTICA AMBIENTAL PARA QUEM?

Por Alexandre Pires,  
Coordenador Geral do Centro Sabiá

**O** Brasil é reconhecido pela comunidade internacional por sua biodiversidade biológica, as imensas áreas de florestas, a fertilidade dos solos e suas abundantes fontes de águas. Os conhecimentos e práticas socioambientais dos povos e comunidades tradicionais e seus territórios, especialmente quilombolas e indígenas, compõem essencialmente os valores imateriais de nossos bens comuns.

Os marcos legais ambientais no Brasil – leis, decretos, instruções normativas –, são resultado de processos de diálogos políticos e construções entre governo e sociedade civil em um país com cinco biomas – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal –, além de uma área costeira com ambiente marinho e estuarino com importantes papéis ecológicos e socioeconômicos.

O governo Bolsonaro vem destruindo todos os avanços de proteção ambiental e as comunidades tradicionais, favorecendo os interesses do agronegócio e madeireiros. O

ministro Ricardo Salles descumpra seu papel em “formular e implementar políticas públicas ambientais nacionais de forma articulada e pactuada com os atores públicos e a sociedade para o desenvolvimento sustentável”, missão do Ministério do Meio Ambiente.

Flexibilizar licenciamento ambiental, cortar recursos para fiscalização e combate aos incêndios, limitar a participação da sociedade civil no CONAMA, entre outras atrocidades, materializam o desejo do ministro de aproveitar que a mídia está voltada para a pandemia da Covid-19 para “ir passando a boiada e passando todo regramento e simplificando normas” relacionadas ao meio ambiente, declaração do ministro no Palácio do Planalto, em abril de 2020.

Com as atuais práticas de gestão ambiental do governo brasileiro, o Brasil perde, o planeta perde e a humanidade fica mais pobre e mais desigual.



Foto: Nay Jinkins / Acervo Centro Sabiá

Apoio:



**Dois Dedos de Prosa** é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – **DIRETORIA** - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. **COORDENAÇÃO COLEGIADA** - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenadora Técnico-Pedagógica: Maria Cristina Aureliano de Melo. Coordenador de Comunicação e Mobilização Social: Carlos Magno de Medeiros Moraes. **EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS**: Eliane Nery, Germana Vila, Gideão Patrício, Juliana Peixoto, João Carlos, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida, Rosana Paula. **EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA**: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Carneiro, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. **NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO**: Darliton Silva, João Lucas França (Estagiário) e Rosa Sampaio (DRT/PE 3510). **EDIÇÃO**: Mariana Reis (DRT/PE 3899). **NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS**: Breno Lacet e Francisco Franco. **ASSESSORIAS**: Anierica Almeida (Agricultura Urbana) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). **PROJETO GRÁFICO**: Alberto Saulo. **DIAGRAMAÇÃO**: Thiago Almeida. **IMPRESSÃO**: Provisual Gráfica. **TIRAGEM**: 1000 (hum mil) exemplares.



# RAC E SAF SÃO ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS DO CLIMA

Por Rivaneide Lígia Almeida Matias, Assessora Técnica do Centro Sabiá

Um assunto toma a pauta dos noticiários nos últimos tempos: as mudanças climáticas. Mas o que provocam essas mudanças no clima do mundo? As alterações do clima podem acontecer naturalmente, mas já está comprovado que grande parte dessa responsabilidade está nas ações humanas contra a natureza, como o desmatamento, as queimadas e a emissão de gases pelas indústrias e veículos. Tudo isso aumenta a temperatura na terra e provoca um grande desequilíbrio no clima como, por exemplo, muita chuva e ventos fortes no Sul do Brasil e secas cada vez mais frequentes no Semiárido.

No Semiárido, a irregularidade das chuvas leva agricultores/as a grandes perdas de produção no campo, afetando fortemente a agricultura familiar e camponesa. As consequências já conhecemos muito bem: empobrecimento, fome, migração. Organizações sociais que atuam no Semiárido Brasileiro, junto a famílias agricultoras, constroem formas de conviver com essa

realidade, provando que é possível sim, viver nesse lugar com qualidade.

“Essa água é muito importante, quando é final de ano por aqui é muito seco e a água que a gente desperdiçava, agora reúsa e tem comida boa para os animais o ano todo”, diz Evanice.

A principal estratégia para conviver com o Semiárido é o estoque de alimentos e de água. As cisternas já comprovaram a sua eficiência e serventia, ao juntar água da chuva para beber, cozinhar e produzir alimentos nos arredores das casas. E é com essa ideia, de otimizar o uso da água, que surge o Sistema de Reúso de Águas Cinza, também conhecido por RAC ou Bioágua, que é uma tecnologia de reaproveitamento das águas do banho, da lavagem de roupa e dos pratos: todas essas águas

passam por um filtro e, depois de retirada grande parte das impurezas, irrigam uma área de agrofloresta, reforçando a produção de alimentos.

Essa estratégia é muito vantajosa, especialmente nos períodos mais secos do ano, onde não é incomum famílias agricultoras venderem seus animais por falta de pasto. Assim, nessa área de agrofloresta se cultivam diversas plantas forrageiras, isto é, para alimentação dos animais. Ainda são plantadas frutíferas e árvores da Caatinga, produzindo alimentos para as famílias e ajudando a preservar o meio ambiente.

Tudo isso está acontecendo em três territórios de Pernambuco: no Agreste e nos Sertões do Araripe e Pajeú, através de projeto executado pelas ONGs Caatinga e Sabiá, com apoio da Cáritas Alemã, atendendo pelo menos 400 famílias que, além de adotar a tecnologia, ainda contribuem na multiplicação dessas ideias para outras famílias e comunidades, através de processos de construção e multiplicação do conhecimento e dos saberes, intercâmbios e prosas de partilha, como diz Evanice Pereira, da comunidade Gameleira, de Itapetim, Sertão do Pajeú: “Essa água é muito importante, quando é final de ano por aqui é muito seco e a água que a gente desperdiçava, agora reúsa e tem comida boa para os animais o ano todo”.

# DESMATAMENTO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS AFETAM COTIDIANO

Por Giovanna Xenofonte, Coordenador de Comunicação e Mobilização de Recursos da ONG Caatinga

Foto: Ana Mendes / Acervo Centro Sabiá



Quem vive na roça sente no dia a dia os efeitos do desmatamento e das mudanças no clima. Quem não vive na roça também sente, embora, provavelmente, de uma forma mais indireta, seja em um dia de calor intenso, ou nos transtornos que as enchentes têm causado aos centros urbanos. Recife é uma prova viva desses efeitos na vida de seus moradores.

Porém, na roça, na sagrada missão de produção dos nossos alimentos, assumidas

secularmente pela agricultura familiar, esses efeitos são sentidos diretamente, seja na alteração do regime das chuvas tão importantes para a agricultura, em ondas de calor mais intensas ou até no acesso a lenha para preparo dos alimentos. A não ser as famílias que utilizam lenha provenientes das podas dos sistemas agroflorestais, as demais, em especial as que vivem no Semiárido, relatam cada vez mais dificuldades em ter acesso a esse bem.

Desmatamento e mudanças no clima estão intrinsecamente ligados. Sem as florestas, não é possível capturar os gases que causam o efeito estufa, em especial o CO<sub>2</sub>. O efeito estufa causa aquecimento no planeta e este, aquecido, é como um corpo febril: tudo fica diferente, modificado. É bem provável que todos e todas já tenham escutado essa “ladainha” inúmeras vezes. O problema é que, no atual contexto, tudo precisa ser dito insistentemente, mesmo os conceitos mais básicos. O que está sendo colocado em

xeque são a própria ciência e os conhecimentos tradicionais. A verdade está sendo questionada e afrontada por uma enxurrada de notícias falsas, as chamadas *fake news*.

Mais do que nunca é preciso anunciar que existem inúmeras famílias agricultoras que produzem alimentos sem degradar, poluir e prejudicar o meio ambiente. São experiências vivas que apontam caminhos, métodos produtivos, relações sociais e mercadológicas que podem ser seguidas pela humanidade. Bem mais que técnicas produtivas, essas experiências também estão construindo novas relações sociais e de gênero. Embora o desmatamento e as mudanças no clima afetem a vida de todo mundo, são os que tradicionalmente foram excluídos e marginalizados os que mais sentem e sofrem esses efeitos. Portanto, mudar a relação do ser humano com o ambiente é necessário, mas mudar as relações sociais é condição para um bem viver nesse planeta. Precisamos viver a solidariedade, a tolerância, a inclusão, o respeito. Precisamos combater o desmatamento, assim como combater a intolerância, a homofobia e o machismo.

Todas essas mazelas crescem de forma exponencial nos últimos anos em nosso



país, fruto de um desgoverno que aposta no caos, no quanto pior, melhor. Quando falamos em desmatamento nos vem à mente de imediato a Amazônia, bioma em que, entre janeiro e julho de 2019, o desflorestamento foi 67,2% maior do que no mesmo período de 2018, segundo levantamento feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Porém, outros biomas como a Caatinga, o Cerrado e Mata Atlântica estão sendo atingidos de igual forma, pois são vítimas de um modelo

produtivo baseado unicamente na supressão. Embora a publicidade oficial encontre formas de dizer que cuidam do meio ambiente, quem cuida de verdade é a agricultura familiar que tem percorrido os caminhos da agroecologia.

De todos os efeitos dessas relações “desarmônicas”, desmatamento e mudanças no clima, a fome é a que infelizmente mais se aproxima de nosso povo. Cresce a olhos vistos o número de pessoas nas ruas, pedindo comida, sem contar aqueles que se alimentam do produto de qualidade baixa nutricional, e cheio de conservantes, que provocam consequências graves à saúde. O que de fato tem contribuído para amenizar essa situação são as ações solidárias de distribuição de alimentos, praticadas invariavelmente pelos movimentos sociais, já que as políticas públicas voltadas para o combate à fome foram drasticamente reduzidas. É tempo de resistência, e a história mostra que somos resistentes e fortes. Isso conta a nosso favor. Conta também o caminho percorrido até aqui, cheio de ensinamentos, de vivências maravilhosas. Resistiremos às mudanças no clima e a toda forma de opressão.



Foto: Ana Mendes / Acervo Centro Sabiá

# BRASIL, UM PAÍS ENVENENADO!

Por Carlos Magno, Coordenador de Comunicação e Mobilização de Recursos do Centro Sabiá

Foto: Acony Santos / Acervo Centro Sabiá



**D**efensivos químicos, produtos fitossanitários, pesticidas, agrotóxicos. Estes são muitos dos nomes dados para o nosso velho conhecido veneno. Estas substâncias chegaram ao Brasil no pós Segunda Guerra Mundial, com o fim da guerra, principalmente os Estados Unidos tinham produzido muitas tecnologias para os campos de batalhas e estas passaram a sofrer modificações para serem vendidas para a agricultura, como tanques que se transformaram em tratores e substâncias químicas que viraram agrotóxicos para a agricultura. No Brasil, este momento se deu entre as décadas de 50 e 70 e foi chamado de revolução verde, que prometia modernização da agricultura quando afirmava que tudo que os camponeses faziam a centenas de anos era atrasado e velho e precisava ser substituído.

Setenta anos depois, conhecemos muito bem os resultados desta "revolução": o

Comprovadamente, os agrotóxicos estão relacionados a distúrbios endócrinos, de fertilidade e problemas de malformação fetal, além da relação direta com casos de câncer.

Brasil, é verdade, tornou-se um dos países que mais produz alimentos no mundo, mas essa produção não significa alimentar sua população, sobretudo porque estes produtos entram no mercado global, não como alimentos, mas como "commodities" uma palavra em inglês que significa qualquer mercadoria que possa ser

vendida na bolsa de valores. Este modelo de produção tem gerado desigualdades por onde passa, seja na degradação dos ecossistemas, na contaminação das águas, na expulsão de povos e comunidades tradicionais de suas terras, seja no desmantelamento dos sistemas alimentares locais das populações, gerando fome e pobreza para muitos e lucros e benesses para pouquíssimos.

Modelo de produção – Neste modelo de produção do agronegócio brasileiro, os agrotóxicos merecem um capítulo de destaque, pois o Brasil sustenta desde 2008 o ranking de maior consumidor de agrotóxico do mundo. São bilhões de litros despejados a cada ano nas lavouras, contaminando solos e água, impactando diretamente na saúde dos trabalhadores que manejam estes produtos, além do dano à alimentação de cada um de nós, que consumimos doses de veneno diárias através de alimentos contaminados. Comprovadamente, os agrotóxicos estão relacionados a distúrbios endócrinos, de fertilidade e problemas de malformação fetal, além da relação direta com casos de câncer.

No Brasil, temos 3.231 produtos agrotóxicos sendo comercializados. Destes, 1.165 novos produtos agrotóxicos foram liberados somente no governo Bolsonaro. Além da pandemia do novo coronavírus que vivenciamos, neste ritmo, podemos ter uma epidemia de doenças causadas pela liberação desenfreada destas substâncias. Cabe a cada um de nós, individualmente, fazer escolhas do que comer e onde comprar nossos alimentos, se nas feiras agroecológicas ou nas redes de supermercado. Coletivamente, precisamos construir um novo pacto social pela vida e pela natureza para hoje e para as gerações futuras.

# MEIO AMBIENTE E RACISMO: QUAL A RELAÇÃO?

Por Maria Cristina Aureliano, coordenadora Técnico-pedagógica do Centro Sabiá e Aniérica Almeida, assessora técnica de Agricultura Urbana e Periférica do Centro Sabiá

Já se perguntou quem são as pessoas que mais sofrem quando chega o período das chuvas na Região Metropolitana do Recife? Estas pessoas têm cor, classe social e lugar de moradia definidos. São negros e negras pobres que residem em locais sem saneamento, sem acesso à água limpa e em quantidade suficiente, e em habitações inseguras e insalubres. Isso é racismo ambiental: o acesso desigual e injusto às condições ambientais saudáveis de vida e moradia determinada pela cor e pela classe. Por isso, não dá para dissociar a pauta ambiental da luta antirracista.

Foi o ativista afro-americano Dr. Benjamim Franklin Chavis Jr. que cunhou o termo “Racismo Ambiental” quando pesquisou a relação entre os locais de depósitos de resíduos tóxicos e a população negra norte americana. Segundo ele, existe toda uma lógica de poder na definição dos locais e sujeitos que serão impactados pelo lixo, resíduos tóxicos e grandes obras, ao mesmo tempo que exclui sistematicamente essas pessoas do acesso às políticas ambientais.

Na Região Metropolitana do Recife existem diversos casos de racismo ambiental. Um exemplo ocorre em Peixinhos, Olinda. O bairro é o segundo mais populoso do município, com pouco mais de 36 mil habitantes (IBGE, 2010) e tem esse nome devido à prática da pesca artesanal no Rio Beberibe, de onde várias famílias retiravam o seu sustento. A comunidade cresceu com a chegada de pessoas em busca de emprego nos empreendimentos que se instalaram no bairro. Hoje não existem mais os grandes empreendimentos, restam as marcas de



Foto: PH Reinaux / Acervo Centro Sabiá

um modelo de desenvolvimento que não cuidou do meio ambiente nem das pessoas. O Canal Vasco da Gama, famoso Canal do Arruda, afluente do Rio Beberibe, hoje não passa de um esgoto a céu aberto. O bairro lidera em casos de Dengue e Chikungunya.

Em 2020, o Centro Sabiá em parceria com a Campanha Mãos Solidárias, a Biblioteca Multicultural do Nascedouro, a Marcha Mundial de Mulheres (MMM) e o Movimento de Trabalhadores por Direitos (MTD), implantou a Horta Popular Agroecológica Dandara nas instalações do antigo Matadouro, que vem ressignificando o uso de um espaço que antes servia para acúmulo de lixo. As

pessoas que participam dessa ação são em sua maioria mulheres negras e de baixa renda, que moram em casas ou barracos e sofrem com a falta de abastecimento de água tratada e de saneamento. A Agroecologia Urbana cumpre o papel de fortalecer a luta por direitos, incluindo também o direito de viver em um ambiente saudável enquanto direito.

Para Ana Lúcia participar da Horta é muito importante. “Plantamos comidas saudáveis e ensinamos às pessoas sobre como plantar uma horta em casa. Falamos também sobre como cuidar do meio ambiente e da importância de mudar pequenos hábitos do nosso dia a dia”, afirma.

# Juventude em PROSA

## PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PROMOVE PLANETA MAIS SUSTENTÁVEL

Por Dyovany Otaviano da Silva, professor e jovem multiplicador agroecológico



Foto: Nay Jinknss / Acervo Centro Sabiá

Pensar numa maneira de produzir alimentos saudáveis e sustentáveis tem sido algo cada vez mais necessário, perante os impactos ambientais causados através do grande consumo de energia e exploração dos recursos naturais que o modo de produção atual demanda. Preocupada com a sustentabilidade do planeta, a Assembleia Geral das Nações Unidas lançou, em 2015, os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), que são metas globais que abrangem questões de desenvolvimento social, econômico e ambiental.

Diante deste cenário, a produção de alimentos por jovens do campo em Pernambuco numa perspectiva agroecológica tem sido uma alternativa de enfrentamento e resistência às problemáticas ambientais, uma vez que tem combatido a monocultura que causa o

desgaste do solo, a erosão, a desertificação, o assoreamento dos rios, a poluição, o uso de agrotóxicos e a exploração dos recursos naturais e humanos.

Segundo a jovem, Josilma Bertino, de 28 anos, multiplicadora da Agroecologia no município de Jataúba-PE, "a produção de alimentos agroecológicos traz uma diversidade de plantas, entre elas, fruteiras, nativas, ornamentais, medicinais e forrageiras, por ser uma forma diversificada, contribuindo com reflorestação das áreas, trazendo de volta a flora e fauna no ambiente, sem contar que é alimento para o sistema familiar, para os animais e o solo".

A jovem ainda destaca que "a família cuida dessa floresta cheia de vida e de

alimentos e a floresta cuida da família, do solo e dos animais, tornando-se um conjunto inseparável. A família alimenta a terra e a terra lhes oferece o alimento para sua sobrevivência sem precisar trazer insumos de fora. Da floresta sai o alimento da família, o restante das sobras vai para a floresta e para os animais, formando uma cadeia sustentável."

Para além da produção de alimentos saudáveis e sustentáveis, a Agroecologia garante também soberania e segurança alimentar para as famílias que plantam, comercializam, compram e consomem. Supre assim, as necessidades dos seres humanos sem comprometer a saúde do planeta e o futuro da atual e próximas gerações. A Agroecologia é o caminho para um mundo mais sustentável.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br)

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia